

'Aritmética de Bresser não bate'

Paul Volcker critica o plano brasileiro de renegociação da dívida, que também foi recebido com ceticismo por James Baker e Michel Camdessus

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O plano brasileiro para renegociação da dívida externa foi recebido com dúvidas pelo FMI, com reservas pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, e foi ainda duramente criticado por Paul Volcker, o presidente do Banco Central dos EUA e considerado pelo próprio Bresser Pereira "como o homem que mais entende o problema do endividamento externo do Terceiro Mundo". Para o grandalhão Volcker (ele tem mais de dois metros de altura), a aritmética do ministro brasileiro "não bate": "Se você obtém o dinheiro dos bancos antes de receber o do FMI, disse ele, significaria a chance de se tomar emprestado dos bancos privados para pagar o Fundo (onde o Brasil tem o débito de US\$ 1 bilhão). Coisa que os bancos não admitem".

Sem se mostrar intimidado com a negativa de Volcker, Bresser contra-argumentou afirmando que "se o Brasil obtivesse o dinheiro do FMI antes dos bancos, esses se achariam no direito de pedir uma parte. Assim — enfatizou — se o País não poderia compensar suas devoluções ao organismo internacional".

O presidente do FED, Paul Volcker, não foi o primeiro a dizer isto para o ministro Bresser Pereira. Foi o terceiro. E de forma muito clara. Antes, o secretário do tesouro norte-americano, James Baker, já tinha divulgado de que os bancos aceitem o Plano Bresser, antes que o Brasil vá formalmente ao Fundo Monetário. E o diretor-geral do FMI, Michel Cam-

dessus, que pediu explicações tributárias específicas e queria um corte no déficit público mais drástico, acabou dizendo: "Vocês estão querendo uma grande mudança no Fundo, na base da boa fé". O responsável pela área do Brasil no FMI quis saber: "E se os bancos não derem dinheiro?"

O ministro Bresser Pereira respondeu: "Eles não têm outra alternativa".

Paul Volcker, também conhecido como "Mr. Dolar", parecia fundamental para a estratégia de renegociação da dívida do ministro Bresser Pereira, que prevê primeiro um acordo com os bancos, se possível com um relatório favorável sobre a economia brasileira assinado pelo FMI, e que então abriria o caminho para o Clube de Paris e para atrair créditos japoneses. Ele disse, saindo do Departamento do Tesouro, um pouco antes:

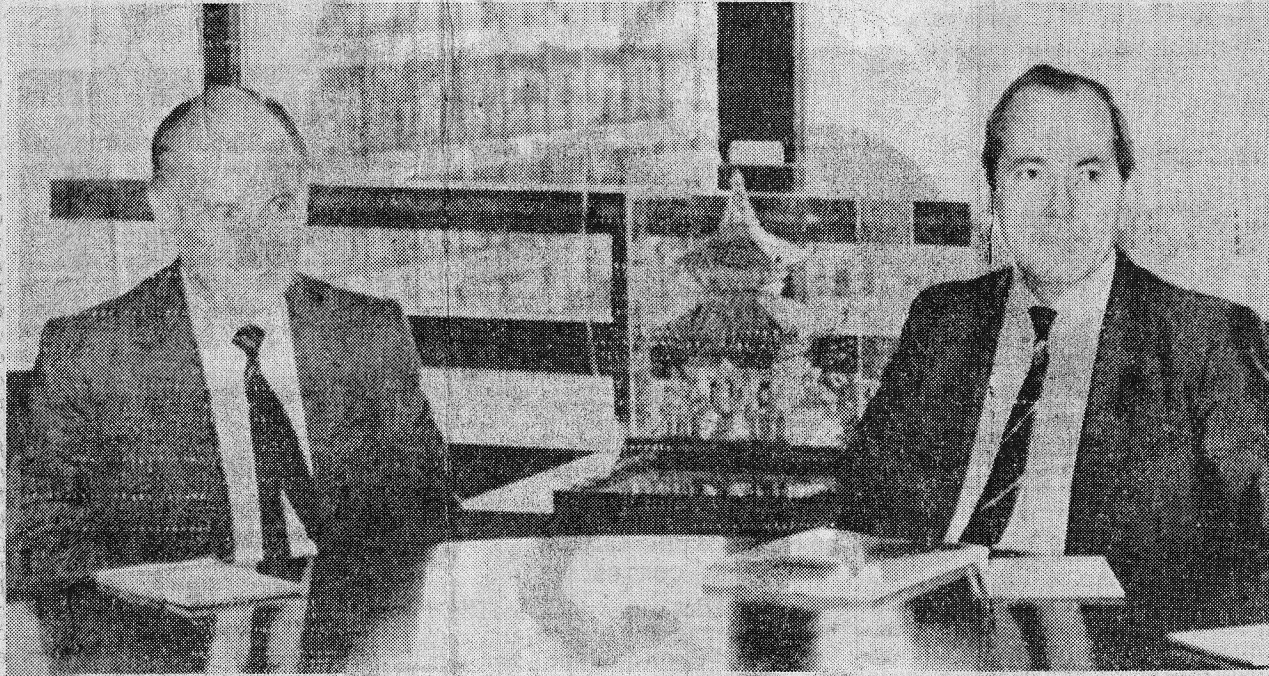
"Vou esperar, agora, ter a mesma resposta de mister Volcker... Se isto ocorrer, a coisa vai ficar mais fácil" (Veja a entrevista abaixo).

A resposta de "Mr. Dolar", foi a de que "temos aí um problema de aritmética". "Qual então foi a reação do ministro Bresser?", perguntou-lhe o correspondente de O Estado.

"Eles (Volcker, Baker e Camdessus) acham difícil. Mas não se opõem."

Os banqueiros estão também detectando problemas em sua estratégia, não estão, sr. ministro?

"Vou vê-los amanhã" (hoje). No Hotel Intercontinental de Nova York, o ministro Bresser Pereira receberá, para o café da manhã, os pre-



Associated Press

Bresser se reuniu com Camdessus na sede do FMI, em Washington

sidentes dos Bank of America, Chase Manhattan, Chemical, Bankers Trust e Manufacturers Hanover. Dos grandes, deverá estar ausente o principal, o presidente do Citicorp, viajando, e o do Morgan, também fora do país. O almoço será com Alan Greenspan, o sucessor de Paul Volcker, no Federal Reserve.

O centro da resistência à estratégia defendida pelo ministro Bresser

Pereira, o FMI, não discutiu a questão sobre quem vem primeiro, se ele, ou se os bancos, segundo a versão de quem esteve dentro da sala. Seu diretor-geral, Michel Camdessus, quis saber, num momento, por que as expectativas brasileiras não são de um crescimento maior do que o previsto no plano macroeconômico? E por que é que não se corta mais o déficit público?

"O Brasil está sendo prudente,

porque não pode saber como o mercado mundial vai se comportar", explicou o ministro Bresser Pereira, e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, tomando a palavra, acrescentaria, perguntando: "Que me expliquem uma coisa. Temos, hoje, uma taxa de juros de 8 a 9% contra uma inflação de 3%. Isso gera uma taxa de juros real muito grande. A gente está forçando nisso para evitar a retirada em massa das aplica-

ções em caderneta de poupança. Estamos, assim, exercendo uma forte pressão sobre o déficit público".

Mas Camdessus voltou a insistir que o Brasil estava "muito conservador em sua estatística". E Bresser teria, então, respondido: "O plano não foi feito para o FMI, mas para o Brasil".

Bresser Pereira tinha um exemplar do seu Plano de Controle Macroeconômico autografado pelo presidente Sarney e leu a dedicatória para Michel Camdessus: "Aprovo e louvo o excelente nível técnico". E Camdessus o considerou "bom": "O plano parece bom, de maneira geral. Estamos de acordo com a estratégia geral". Do lado brasileiro, estavam Fernando Milliet, Adroaldo Moura da Silva, Fernão Bracher, Nakano, o embaixador Saraiva Guerreiro, Fernando Dalaqua e Alexandre Kafka, que é o representante do Brasil no FMI. Ao lado de Michel Camdessus, entre outros, estava o diretor da área do Brasil no Fundo, o chileno Thomas Reichmann.

Uma proposta recebida interessou tanto ao ministro Bresser Pereira que ele prometeu examiná-la. Ela foi feita pelo presidente do FED, Paul Volcker: "Por que não tentar um acordo maior com o Banco Mundial? Algo que se tornasse uma ligação entre o Banco Mundial e os outros bancos?" Essa proposta é uma das metas anunciadas pelo presidente do Banco Mundial, Barber Conable, há dois meses. Ele e o ministro Bresser Pereira têm um encontro marcado para a próxima segunda-feira, em Washington.